

# ALGUNS D’“OS MAIS ANTIGOS TEXTOS ESCRITOS EM PORTUGUÊS” “NOTÍCIA DE FIADORES” (1175): Estudo Antroponímico

*António Pereira*  
Universidade do Minho

## 1. Introdução

De acordo com uma tradição que remontava ao século XIX, os dois documentos provenientes do Mosteiro de Vairão – “Auto das Partilhas” (1192) e “Testamento de Elvira Sanches” (1193) – eram tidos como os mais antigos textos escritos em português. Todavia, quer Avelino de Jesus da Costa, desde de 1957, quer Lindley Cintra, em duas conferências apresentadas em 1961 na Universidade de Estrasburgo, mostraram que os dois documentos acima referidos não passavam de cópias tardias dos finais do século XIII, eventualmente traduções de primitivas versões latinas<sup>1</sup>.

Assim, outro documento do Mosteiro de Vairão de erigia no mais antigo documento particular escrito em português – a “Notícia de Torto” (c. 1214) –, da mesma época que um documento régio – o “Testamento de D. Afonso II” de 27 de Junho de 1214. De qualquer forma, tanto Avelino de Jesus da Costa como Lindley Cintra fizeram notar que entre estes dois últimos textos (a “Notícia de Torto” e o “Testamento de D. Afonso II”) e o documento em português da Chancelaria de D. Afonso III (1255) havia um vazio de quatro décadas no que diz respeito à produção documental em português. Mais: L. Cintra e depois Ivo Castro (1991: 183) adiantaram que o filão da pesquisa arquivística estava longe de se esgotar já que nos artigos portugueses havia certamente um grande número de documentos muito interessantes do ponto de vista linguístico que não estava publicado nem estudado.

Reconhecendo o acerto de tais palavras, Ana Maria Martins (Martins 2001) decidiu observar minuciosamente a documentação de alguns fundos

---

<sup>1</sup> Quanto a este e aos parágrafos seguintes, ver Martins 2001: 24, Costa 1979: 263-265 e Cintra 1990: 21.

conventuais guardados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Esperava encontrar alguns documentos em português anteriores a 1255 que preenchessem o hiato de quatro décadas, mas os resultados excederam as expectativas: a par de alguns textos situados no período visado, surgiram outros anteriores a 1214. No período que vai de 1214 a 1255, Martins dá-nos conta de seis documentos datados: dois do Mosteiro de Vairão, de 1234 (uma “notícia de dívidas” de *Petro Fafiaz* e uma nota de pagamento de dívidas), um do Mosteiro de Ferreira de Aves, de 1236 (carta de venda feita por *Giraldo Mendez* a *Martin Michaelez* e a sua mulher *Marina Suarez*) e três do Mosteiro de Pedroso (de 1243, um testamento; de 1252, um testamento e uma relação de dívidas). Se a este conjunto de seis documentos juntarmos os dois do Mogadouro, descobertos por Lindley Cintra e datados de 1250 e 1253, temos no momento um total de oito documentos situados nas décadas 30, 40 e início dos anos 50.

Quanto ao tratamento a fazer da antroponímia da “Notícia de fiadores”, abordaremos aspectos diversificados (contextuais, etimológicos, fonéticos, morfológicos, sintáticos ...), sem nunca esquecer a questão da actualidade das formas antroponímicas utilizadas<sup>2</sup>.

## 2. “Notícia de Fiadores” (1175)

### 2.1. O mais antigo texto escrito em português?

É também uma “notícia” (tal como a “notícia de dívidas” de *Petro Fafiaz* de 1234) o documento mais antigo, em português, localizado por Ana Maria Martins. Pertence ao fundo documental do Mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto; tem a data de 1175 e é uma “notícia de fiadores” de *Pelágio Romeu*, ou seja, Paio Soares Romeu, um dos senhores de Paiva, família nobre com assento nos livros de linhagens.

Partilham o mesmo suporte (o pergaminho identificado com o n° 10, do maço 2, de São Cristóvão de Rio Tinto) a já citada “Notícia de fiadores” de 1175, uma carta de 1146, em registo latino, de doação de herdades, a título de arras, por *Suario Pelaiz* a sua mulher *Orraca Menendiz* (país de Paio Soares Romeu) e, no verso, dois textos não datados: uma anotação de despesas de *Petro Paiz* e uma outra de *Petro Parada*. Com base na análise material do pergaminho, Martins concluiu que estes dois últimos documentos foram prova-

---

<sup>2</sup> Sempre que mencionarmos as personalidades que marcaram história dos antropónimos em estudo, servir-nos-emos das informações colhidas sobretudo na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

velmente escritos antes da “Notícia de fiadores”. Por outro lado, todos eles apresentam uma “scripta” conservadora, com muita variação entre formas romances e latinas, o que os aproxima da “Notícia de Torto” e os afasta do “Testamento de Afonso II”.

## 2.2. *Texto crítico*<sup>3</sup>

- 1 Noticia fecit pelagio romeu de fiadores Stephano pelaiz. xxi. solidos lecton. xxi. soldos pelai garcia xxi. soldos. Gûdisaluo Menendici. xxi. soldos
- 2 Egeas anriquici xxxta soldos. petro cõlaco. x. soldos. Gûdisaluo anriquici. xxxxta. soldos Egeas Moníici. xxti. soldos [...] Ihoane suarici. xxx.ta soldos
- 3 Menendo garcia. xxti. soldos. petro suarici. xxti. soldos Era M<sup>a</sup>. CC<sup>aa</sup> xiii. Istos fiadores atan. v. annos que se partia de isto male que li avem

## 2.3. *Estudo Antroponímico*

### 2.3.1. Anriquici (*Egeas anriquici*, 1.2; *Gûdisaluo anriquici*, 1.2):

Actualmente com a forma *Henriques*, *Anriquici* é o patronímico de *Henrique*. Segundo Machado (II, p. 772), *Henrique* tem origem germânica em *haim-*, “casa”, e *ric-*, “forte, poderoso”. Para Vasconcellos, a origem está em *Angericus*<sup>4</sup>. Acrescenta que para “nós a palavra *Henrique* não podia ter-nos vindo directamente do germânico, por causa da terminação *-ique*; a terminação germânica daria em português *-igo* (no caso recto) ou *-iz* (no genitivo)”. A presença do antropónimo em Portugal deve-se ao francês ou provençal, provavelmente por intermédio do Conde D. *Henrique* entrado no nosso país por volta de 1094<sup>5</sup>. *Henrique* é das formas antroponímicas com mais variantes. Todavia, em todas elas é geral o radical (*H*)*Enriqu-* ou *Anriqu-*, o que nos leva mais uma vez a concluir que estamos perante um representante do provençal *Anric*, *Enric*. Eis as variantes mais comuns: *Henrico*, *Hen(r)richus* e *Henricus*, em 1097; *Anrichus* e *Henrici*, em 1099; *Anricco* e *Enrriquiz*, em 1102; *An(r)rique* em 1215 e no *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, em 1517.

<sup>3</sup> Adaptado de Martins 2001: 51. Por razões técnicas, usaremos, ao longo de todo este trabalho, o acento circunflexo (^) com valor de til (~) na forma Gûdisaluo e afins.

<sup>4</sup> Cf. *Opúsculos* III, p. 108. Nunes (1933-37: 12), a propósito de *Henrique*, diz o seguinte: “nome germânico que quer dizer *senhor* ou *possuidor* (*-rique* de *rich...*) de *cêrca* ou *casa* (*hen-* de *hagan* ou de *hein* por *heim*)”.

<sup>5</sup> De facto, para Elza Machado (p. 129), *An(r)rique* veio-nos do provençal *Anric*, este de origem germânica. Ver também Dausatz, p. 121 e David Lopes (*Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, colectânea organizada por José P. Machado, Lisboa, 1968), pp. 145-146.

Como se pôde verificar, o antropónimo *Henrique* foi sempre muito usado graças ao prestígio de, pelo menos, duas personalidades: o Conde D. *Henrique* (1057-1112), ja o dissemos, e o Infante D. *Henrique*, “O Navegador” (1394-1460). Em outros países, o nome *Henrique* é também célebre: Alemanha, desde *Henrique* I (876-936) a *Henrique* VII (?-1313); Castela e Leão, de *Henrique* I (1204-1217) a *Henrique* IV (1425-1474); França, de *Henrique* I (1008-1060) a *Henrique* IV (1553-1610?); Inglaterra, de *Henrique* I (1068-1135) a *Henrique* VIII (1491-1547). Hoje o antrop. *Henrique* e o apelido *Henriques* continuam a ser frequentes; surge ainda como topónimo em ALENQUER, LISBOA, V. N. DE OURÉM e VISEU<sup>6</sup>.

### 2.3.2. Cōlaco (*petro cōlaco*, 1.2):

Atualmente *Colaço* (apelido e topónimo), esta alcunha, que também surge na “Notícia de dívidas” de Pelágio Romeu (cerca de 1171-1177) a designar a mesma personagem (*petro cōlaco*, 1.6; em Martins 2001: 52), parece ter origem no substantivo masculino *colaço*, “irmão de leite”, este do latim tardio *collacteu-* (ao lado de *collactaneus* e de *collacticius*)<sup>7</sup>. Em 931-951, *collaze* e *conlaço*. Em 1337, a forma *conlaço* continuava com uso escrito: João *conlaço* e Afonso *Conlaço* (Machado: 1977, II, 180). Crê-se que o apelido *Colaço* pertença a família de diferente origem. Os nobiliários dão informações variadas sobre a origem dos *Colaço*: uns remontam ao tempo de D. Afonso III a um certo Fernão *Colaço* de Portel; outros dizem que provêm de um fidalgo castelhano, Álvaro Anes de Pendes; outros, finalmente, fazem-nos descendentes de João Álvares de Pina, talvez *colaço* de D. João I.

Quanto ao seu uso público, *Colaço* está presente em nomes como Alexandre Rey *Colaço*, compositor, pianista e pedagogo (1854-1928); Amélia Rey *Colaço*, actriz (1898-1990); Branca de Gonta *Colaço*, escritora (1880-1945), João de Magalhães *Colaço*, professor universitário (1893-1931) e muitos outros.

### 2.3.3. Egeas (*Egeas anriquici*, 1.2; *Egeas Monúci*, 1.2):

Esta forma, existente também como topónimo (em 1220), parece estar relacionada com os antropónimos *Egea* (atualmente também apelido), *Egeus* (lapso ou masculino de *Egeas?*), *Egela* (registado pelo menos em 922.

<sup>6</sup> Sobre este antropónimo, ver ainda Cortesão, pp. 24 e 175; Vasconcellos, *Opúsculos*, pp. 81, 82, 107, 108 e *Antroponímia*, pp. 50, 96 e 116; Nunes, *Rev. Lus.* XXXI, pp. 12-13; Piel, p. 132 e Machado, pp. 772-773.

<sup>7</sup> Como substantivo e adjetivo, *colaço*, para além de designar aqueles “que mamaram do leite da mesma mulher”, pode significar também “que é amigo, como irmão” (*G. Enc.* 7, p. 103).

Diminutivo de *Egea?*) e *Egas* (983, 1025 ...) e com os topónimos *Eja* (em Penafiel), *Ega* (em Portugal e no Brasil) e *Egas*. Os primeiros registos da forma *Egeas* verificaram-se em 1068 e no séc. XIII. De qualquer modo, todas estas formas parecem ter uma origem germânica<sup>8</sup>.

Relativamente à actualidade de *Egeas*, não possuímos qualquer dado. Quanto a *Ega* e *Egas*, temos, entre outros, os Condes da *Ega* (a partir do séc. XVIII), João da *Ega* (personagem d' *Os Maias* de Eça de Queirós) e *Egas* Moniz (1874-1955), Prémio Nobel, médico, professor, escritor, diplomata, político e académico.

#### 2.3.4. *Garcia* (*pelai garcia*, 1.1; *Menendo garcia*, 1.3):

Segundo Vasconcellos (1928: 104), o nome *Garcia* “parece ser originariamente ibérico”<sup>9</sup>. Pidal vai mais longe afirmando que o nome é “vasco” e “que deve haber entrado también en el Occidente por influencia navarra”. Quanto ao vocábulo que o originou, uns pensam que terá sido um que significa “urso”; outros, “llama de incendio”. Várias foram as formas que o antropónimo tomou ao longo dos tempos: *Garsias* (946), *Garzia* (974), *Garseas* (977), *Gartia* (1017) e *Garcia* (1265), entre outras<sup>10</sup>.

Durante a Idade Média foi nome de vários soberanos de Estados Ibéricos (Galiza, Leão e Navarra), de condes de Castela, de um bispo de Silves (m. 1268), de um mestre da ordem de Santiago (séc. XIV) e de vários trovadores (*Garcia* Martins, *Garcia* Perez, *Garcia* Soares ...). No século XVI continuava em uso: *Garcia* de Resende (1470-1536) e no Auto da Barca do Inferno de G. Vicente. Hoje é raro como antropónimo mas frequente como apelido e topónimo em Portugal e no Brasil. *Garcês*, actualmente apelido e topónimo, parece ser o patronímico de *Garcia*, por intermédio de \**Garciez*. Todavia, na “Notícia de fiadores” a forma *Garcia* surge sempre como segundo nome (*pelai garcia* e *Menendo garcia*) – terá já aqui valor patronímico a indiciar o uso actual de apelido? Cremos que sim, até porque outros antropónimos apresentam uma só forma para o nome de baptismo e para o patronímico<sup>11</sup>.

#### 2.3.5. *Gûdisaluo* (*Gûdisaluo Menendici*, 1.1; *Gûdisaluo anriquici*, 1.2):

O antropónimo *Gonçalo* comporta na sua composição dois elementos: o primeiro de origem germânica (*gunthi*, *gundja*, *gundi*, “combate”), o segundo

<sup>8</sup> Cf. Machado II, pp. 547-553 e Vasconcellos (*Antroponímia*, pp. 33-34).

<sup>9</sup> Ver ainda pp. 40, 103, 107 108 e 125.

<sup>10</sup> Machado II, p. 697; Nascentes, p. 122 e Cortesão, p. 147.

<sup>11</sup> É o caso, por exemplo, de *Abril*: em *Abril Perez*, como nome de baptismo; em *Orrac'Abril* (filha de *Abril Perez*), como patronímico (em *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, cantigas n.º 104 e 1072).

(*salvus*) “de origem obscura, ou germanica ou romana”<sup>12</sup>. Talvez por influência de S. *Gonçalo* (venerado especialmente em Amarante), o antropónimo começou a usar-se desde muito cedo. E é também um dos nomes que apresenta maior profusão de formas. Geralmente aponta-se a existência de duas séries: a de *Gondisalvo* e a de *Gonçalo*, esta possível ainda de se subdividir em dois ramos (com o grupo *-lb-* ou *-lv-*, ou já com *-l-*): *Gundisalvus* (915), *Gondissalvo* (979), *Gonçalo* (1033), *Gunçalvus* (1061), *Gonçalho* (1199) e *Gonçalo* (1265), forma hoje corrente. Assim, a forma *Gûdisalvo* da “Notícia de fiadores” de 1175 parece surgir numa época em que a actual *Gonçalo* já está quase estabilizada. De uso bem consistente como nome de baptismo, o antropónimo *Gonçalo* e o seu diminutivo (*Gonçalinho*) ocorrem também como apelido e topónimo (em Portugal e no Brasil). Actualmente muito utilizado é também o patronímico *Gonçalves*.

Personalidades famosas temos, no séc. XIII, os trovadores *Gonçal’Eanes* do Vinhal e *Gonçalo Garcia*, frades e bispos portugueses dos sécs. XII-XIV; e, já o referimos, S. *Gonçalo* de Amarante (m. 1262?).

### 2.3.6. *Ihoane* (*Ihoane suarici*, 1.2):

Esta forma surge apenas neste documento. Em outros que estudámos, o [h] aparece sempre depois do [o] (*Iohane*)<sup>13</sup>. Deve, pois, tratar-se de erro. *Ihoane*, melhor *Iohane*, provém do hebraico *Iohanan* que poderá significar “que Deus favorece” ou “cheio de graça divina”. Antes de chegar ao português, passou pelo grego *Ioánes* ou *Ioánnes* (o *-es* é a desinência grega de nom. sing.) e depois pelo latim *Jo(h)anne-*, de *Jo(h)annes*. Oriundos desta forma latina, coexistiram no português antigo *Joane* e *João*. Este atesta-se num diploma de 1091 (*Ioan*) e resulta de *Joane* colocado em próclise, principalmente quando seguido de vocábulo iniciado por consoante (Ex.: *Joane Rodrigues* > *Joan Rodrigues*)<sup>14</sup>.

De uso corrente no século XIII (*Joam*, 1258; *Jo(h)an*, 1265 ...), umas vezes “com vocalização completa da semi-vogal *i*, outras com consonantização”<sup>15</sup>, o antropónimo *João* chegou aos nossos dias como um (senão o principal) dos

<sup>12</sup> Cf. Vasconcellos 1928: 30 e Nascentes 1952: 127. Nunes (1933-37: 7-8) refere que *Gundisalvo* é um nome híbrido adiantando que o segundo elemento (*salvo*) é latino. *Gundisalvo* significa, portanto, “salvo do combate”. *Gonçalvo* e *Gonçalo* seriam as formas populares. Para explicar a passagem “do grupo -d’s- em ç”, remete para o advérbio *quiça* (do latim quid sa(pit): \**Gundi* + *salvu* > *Gundsaltvu* > *Gunçalvu* > *Gonçalo*).

<sup>13</sup> Cf., por exemplo, “Notícias de haver” (séc. XII, 2ª metade): *iohane* (1.3) (Martins 2001: 53).

<sup>14</sup> Ver Nascentes, p. 162 e Cortesão, pp. 181 e 183. Este fenómeno é já nosso conhecido uma vez que ocorreu com *Fernão* (de *Fernando*) e *Mem* (de *Mendo*), por exemplo.

<sup>15</sup> Vasconcellos, *Opúsculos* III, p. 57 e Nunes, *Rev. Lus.*, vol. XXXIII, p. 84.

mais usados, individualmente ou em formas compostas. O especial acolhimento que este antropónimo sempre mereceu deve-se provavelmente à popularidade de S. João Baptista. João foi nome de papas (o actual é João Paulo II), reis (de D. João I a D. João VI), infantes, bispos, santos ... e poetas<sup>16</sup>. Actualmente, João é ainda apelido e topónimo. Quanto a Joan(n)e, coexistiu com João ou Joham durante certo tempo. Utilizou-se pelo menos até ao século XVII: Ioanel/Joane, no séc. XVI com G. Vicente (no *Auto da Barca do Inferno*) e com Camões (n' *Os Lusíadas* e nas *Rimas*); no séc. XVII foi nome de um bispo de Coimbra – D. Joane Mendes de Távora. O -e de Joane manteve-se “quando essa palavra estava antes de nome começado por vogal, e quando era empregada de modo absoluto (...) ou depois de outras palavras” como em *Sanhoane* (de Sã Joane) (Vasconcellos 1931: 59). O patronímico de *Iohannes* (donde João e Joane) é *Iohannici* (existente já em 1098) que deu \**Eoanes* e depois *Eanes* (em 1258), além de *Joanes* ou *Joannes* (patronímico directo de Joane). Para além de apelido, *Joanel/Joanes*, é hoje nome de inúmeras localidades portuguesas<sup>17</sup>. Muito usado é também o antropónimo *Joana* (do lat. bíblico *Joanna*, femi. de *Johan(n)es*). O seu uso atesta-se com facilidade no séc. XIII mas *Iohanna* aparece já em inscrições dos primeiros tempos do Cristianismo<sup>18</sup>.

### 2.3.7. Lecton (1.1):

Apresentando actualmente a forma *Leitão* (apelido e topónimo), *Lecton* é uma alcunha derivada do subst. masc. *leitão*, este do latim \**lactone*-<sup>19</sup>. Em 1059 apresentou a forma *leitones* e, em 1417, *leittoa* (femi.). Também no séc. XV esta palavra era usada com antropónimo<sup>20</sup>. Mas curioso é acrescentar que *leiton* é a forma que surge na “Notícia de dívidas” (c. 1171-1177, 1.7) do mesmo *Pelágio Romeu* da “Notícia de fiadores” (1175).

Mais: em ambos os documentos, e ao contrário do que acontece com todas as outras personalidades referidas, este *lecton/leiton* é designado apenas por um elemento, a denotar a relevância identificadora da alcunha.

<sup>16</sup> Na França o nome é tão vulgar que para “individualiser les innombrables Jean (...) force était de leur adjoindre un sunom (...), soit de distinguer les noms à l'aide de suffixes ou d'autres déformations”: Jeannot, Jeannet, Jeanneret, etc. (Dauzat, p. 111. ver também pp. 112-113, 124, 128, 232, 268, 277, 300 e 365).

<sup>17</sup> Machado II, pp. 543 e 828. Ver os vários topónimos derivados de *Iohannes* em Piel (pp. 307-308).

<sup>18</sup> Cf. Machado II, p. 828 e Vasconcellos, *Antroponímia*, pp. 38, 46 e 542.

<sup>19</sup> Em 1339, “Estevam Martynz, dicto Leitom” (Machado II, p. 865). Ver também Vasconcellos 1931: 76.

<sup>20</sup> Ver *Dic. Etimológico* de Machado. Muitos outros, como o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, derivam *Leitão* de *leite* + sufixo -ão (*leite* < *lac, lactis*).

Para a história deste nome, ficaram muitos portugueses como Martim *Leitão* de Lodaes (do tempo de D. Sancho II?), António *Leitão* (cineasta da 1ª metade do séc. XX), José Luís *Leitão* (professor universitário e investigador, 1916-1985), entre outros.

### 2.3.8. Menendici (*Gûdisalvo Menendici*, 1.1):

Actualmente apelido corrente, *Mendes* e *Menendez* (de *Menendici*) são os antigos patronímicos de *Menendo*: *Menendiz* (897), *Menendici*, *Menendizi* (1021) ... *Mendes* existe ainda como topónimo em várias localidades portuguesas<sup>21</sup>. Quanto à origem de *Mendo*/*Menendo*, ela continua ainda obscura<sup>22</sup>: *Menendo* em 874, *Mendo* em 976, *Meendo* em 1057, *Meende* no séc. XIII. Simplificando, na passagem de *Menendo* a *Mendo* terá ocorrido a síncope do /n/ intervocálico seguida de crase: *Menendu*>*Meendo*>*Mendo*. *Mem* é a forma proclítica de *Mendo* e usava-se sobretudo quando o segundo nome começava por consoante: *Mem* Rodriguiz, *Mem* Moniz ... (Vasconcellos 1928: 449). *Meen*, grafia antiga, deve-se a *Meendo*: *Men* em 1059, *Meen* em 1258 ... *Mem* e *Mendo*, segundo Machado (II, pp. 977 e 979), continuam em uso, embora raro. Acrescenta que *Mendo* tem por vezes valor de apelido e topónimo, em Portugal e na Galiza.

Com o nome *Mendo*, celebrizaram-se dois prelados portugueses e um beato, todos do séc. XII; o bispo de Córdova em 1379; trovadores medievais como *Men* Paez e *Men* Rodrigues de Briteiros; e ainda um ex-ministro da Saúde do Governo de Cavaco Silva, Paulo *Mendo*. O diminutivo *Mendinho* identifica um poeta medieval, enquanto que o apelido *Menendez* dá nome aos espanhóis Marcelino *Menéndez* y Pelayo (1856-1912), historiador de literatura e crítico, e Ramón *Menéndez* Pidal (1869-1968), filólogo e historiador.

### 2.3.9. Menendo (*Menendo garcia*, 1.3): Ver *Menendici*.

### 2.3.10. Moníici (*Egeas Moníici*, 1.2):

*Moníici*, hoje *Moniz*, é o patronímico do antigo antropónimo *Munnius*. Como formas antigas temos *Moniz* (922), *Muniz* (974) *Monizi* (1048) *Moniizi* (1091) ..., esta última muito próxima de *Moníici* mas com a sonorização (s>z) concluída. Actualmente, *Moniz* ocorre também como topónimo (Alcobaça

<sup>21</sup> Cf. Cortesão, pp. 216, 218, 219 e 410; e Machado II, pp. 977-980.

<sup>22</sup> Ver, entre outros, Nunes (1933-37: 65), Nascentes (p. 198) e Vasconcellos (*Antroponímia*, p. 38). Este autor (pp. 47 e 50) dá *Mendo* como nome de origem germânica. *Menéndez* Pidal (citado por Machado II, p. 979) tem-se esforçado por relacionar *Menendus* com *Ermegildus* (nome visigótico).



Évora ...). Quanto à origem do antropónimo *Munnuis*, persistem as dúvidas. Será germânica? Será ibérica, do nome de pessoa *Munus*? Relacionado com *Munnius*, temos Moninho, hoje topónimo (C. da Beira, Melgaço ...) <sup>23</sup>.

Figuras célebres são, por exemplo, Egas *Moniz*, varão do séc. XII filho de *Múnio* Viegas; D. Martin *Moniz*, fidalgo do tempo de Afonso Henriques e filho de D. *Moninho* Osório; Gil Aires *Moniz*, escrivão de D. Nuno Álvares Pereira; e, claro, o Nobel Egas *Moniz*.

### 2.3.11. Pelagio (*pelagio romeu*, 1.1):

É fácil encontrar relação entre esta forma e o grego Pelágio (πε'λαγοξ, “do alto mar, marinho, marinheiro”), por intermédio do latim *Pelagiu* <sup>24</sup>. A forma *Pelagio* encontra-se já em 882; *Plagius* em 1091. Para nome de mulher, havia *Paaia* (=Pelagia), possivelmente do século XIV (Cortesão 1912: 413). *Pelágio*, embora raro, ocorre actualmente quer como nome próprio quer como apelido <sup>25</sup>. Quanto a *Palaio* (*Palayo* no séc. XIII), apelido hoje quase inexistente, é alteração de *Pelaio*, devido a assimilação regressiva completa: *Pelagiu* > *Pelaiu* > *Palaio* > *Paaio* > *Paio*. *Pelaio* pode encontrar-se ainda como topónimo no Fundão <sup>26</sup>. Relativamente à forma popular *Paio*, o seu uso actual parece restringir-se à categoria de apelido e de topónimo (frequente com a forma S. *Paio* ou *Sampaio*). *Pais*, apelido hoje em voga, é o patronímico de *Paio*, inicialmente de *Pelágio* <sup>27</sup>.

Entre as figuras medievais, destacamos *Pai* Gomez Charinho, *Pai* Soarez de Taveirós (trovadores galegos) e *Paio* de Coimbra (dominicano português). *Pelágio* ou *Paio* foi ainda nome de papas (séc. VI) e de vários religiosos (sécs. X a XIII).

### 2.3.12. Pelai (*pelai garcia*, 1.1): Ver Pelagio.

### 2.3.13. Pelaiz (*Stephano pelaiz*, 1.1): Ver Pelagio.

### 2.3.14. Petro (*petro cõlaco*, 1.2; *petro suarici*, 1.3):

Esta é uma forma ainda muito próxima do étimo latino *Petru-*, que por sua vez deriva do grego Pétros (Π'ετροξ), tradução do vacábulo ara-

<sup>23</sup> Cf. Machado II, pp. 1014-1015 e Vasconcellos, *Antroponímia*, p. 38.

<sup>24</sup> Cf. Vasconcellos 1928: 35; Nunes 1933.37: 125-126; Nascentes 1952: 230 e 237; e Machado III, p. 1151.

<sup>25</sup> Machado III, p. 1151 e *L. Telef.* – Lisboa (cidade), 96/97, p. 713.

<sup>26</sup> Cf. Nunes 1989: 107 e 204. Na *L. Telef.* – Lisboa (cidade), 96/97, p. 713, temos 3 casos de Pelayo. Ver ainda Nunes, *op. cit.*, p. 107 e Machado III, p. 1151.

<sup>27</sup> Cf. Cortesão, pp. 250, 259 e 260 e Vasconcellos 1931: 119.

maico *Cep(h)as*, “rochedo”<sup>28</sup>. *Chephas* foi o nome atribuído por Jesus a Simão *Pedro*, filho de João<sup>29</sup>. É precisamente o apóstolo Simão *Pedro* o grande responsável pela difusão do nome em todas as épocas. *Pedro* atesta-se em 1029. Curiosas são as formas *Pedrom* (1220) e *Pedrucho/Pedruxo* (1258), nomes possivelmente relacionados com *Pedro*<sup>30</sup>. Frequentíssimo como antropónimo, *Pedro* surge também actualmente como apelido e topónimo, em Portugal e na Espanha. Quanto a *Pero*, cujo uso inicial remonta pelo menos a 1034, é a forma proclítica de *Pedro*<sup>31</sup>. *Pero* parece ter caído em desuso já que a ocorrência mais recente remonta provavelmente a 1670. Como topónimo, *Pero* é actualmente abundante sobretudo em formas compostas. Muito em voga como apelido é também o patronímico *Peres* e o seu divergente *Pires*.

Com o nome *Pedro* ou *Pero* celebrou-se um número sem conta de personalidades: poetas medievais; infantes e reis de Portugal (D. *Pedro* I a D. *Pedro* V: séc. XIV a XIX), de Aragão, da Sérvia e da Jugoslávia; imperadores da Rússia; religiosos ... e muitos outros.

### 2.3.15. Romeu (*pelagio romeu*, 1.1):

Usada inicialmente como alcunha (tal como acontece neste documento)<sup>32</sup>, esta forma é hoje utilizada quer como nome de baptismo quer como apelido. Na Idade Média existiu como apelido mas de forma muito restrita. Como nome de baptismo, a sua divulgação deve-se sobretudo à célebre personagem *Romeu* da obra *Romeu e Julieta* de Shakespeare (1594-1595). Como alcunha e depois apelido, *Romeu* vem do adjetivo *romeu*, este do provençal *romeu*, “peregrino que foi a Roma”: *Romeu* em 1169, *Romeu* em 1258, *pedro romeu* em 1270, *Joham Romeu* no séc. XIV (?). Actualmente, a forma *Romeu* é também usada como topónimo, em Portugal e na Galiza<sup>33</sup>.

Na memória ficaram dois ricos-homens dos séculos XI e XII, ambos chamados D. Paio *Romeu*, e, já o dissemos, o *Romeu* da obra de Shakespeare.

<sup>28</sup> Cf. Vasconcellos, *Antroponímia*, p. 31; Nascentes, p. 237; e Machado III, p. 1148. Dauzat (pp. 89-90), por exemplo, classifica *Petrus* como um nome hebraico.

<sup>29</sup> Tornou-se célebre a frase de S. Mateus (XVI, 18): “Et ego dico tibi quia tu es *Petrus* et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam” e ainda palavras dirigidas por Jesus a *Simão Pedro*: “Chamar-te-ás Cefas que quer dizer *Pedro*” (João, I, 42).

<sup>30</sup> Cortesão, pp. 258-259, e Nunes 1933-37: 125.

<sup>31</sup> Para além da próclise, a haplogogia poderá justificar a queda /d/ no caso da forma *Pedro* ser seguida de /de/ ou /da/: *Pedro* da Ponte > *Pero* da Ponte (Cf. Nunes 1989: 120 e 1933-37: 125).

<sup>32</sup> Cf. “Notícias de herdades” (c. 1171-1177), em Martins 2001: “hec est notitia de hereditates quaes ego pelagius suerí cognomento romeu (...)” (p. 52, 1.1).

<sup>33</sup> Cf. Vasconcellos, *Antroponímia*, p. 270.

### 2.3.16. *Stephano* (*Stephano pelaiz*, 1.1):

Mais um termo muito próximo do seu étimo: o grego tardio *Stéphanos*, do s. m. *stéphanos* (στ'εφανος, “o que envolve”, “coroa”). A forma grega chegou-nos, no entanto, por intermédio do latim *Stephanus*<sup>34</sup>, depois da sonorização da fricativa surda (/f/ > /v/). O “povo antipatiza com a ressonância nasal postónica final”, por isso pronuncia *Estevo* (Nunes 1989: 103 e 113). Depois surgiram inúmeras variantes: *Stefanus* em 937, *Steuano* em 1032, *Steuom* em 1220, *Stevam* em 1258 e *Esteue* no séc. XV, entre outras. *Esteve* era a forma usada em próclise. *Estêvão* tem ainda hoje actualidade, existindo também como apelido e topónimo, tal como o seu patronímico *Esteves*<sup>35</sup>.

Há, ao longo dos tempos, inúmeras personalidades com este nome: papas (sécs. III-XI), reis da Hungria (sécs. X-XIII) e da Inglaterra (séc. XII), trovadores (sécs. XIII e XIV) ... Santo *Estêvão* parece ser o grande responsável pela divulgação do nome entre os cristãos.

### 2.3.17. *Suarici* (*Ihoane suarici*, 1.2; *petro suarici*, 1.3):

Do antropónimo antigo \**Soariu-*, de origem obscura, derivou o patronímico \**Soarici*, donde, também regularmente, *Soares*, forma actual. Como formas antigas temos, por exemplo, *Soariz/Suariz* (946), *Suarizi* (1036), *Suarici* (1073) e *Soares* (1265). Ainda em relação à origem de *Soeiro*, vários foram os autores que se pronunciaram (Diez; Meyer Lübke, Vasconcellos...) mas a hipótese de J. da Silveira parece ser a mais verosímil: do lat. *suarius* (de *sus*, “porco”), “porqueiro”<sup>36</sup>. Piel (1947: 371) afirma que esta hipótese é sedutora mas falta-lhe, “por enquanto, um exemplo deste nome, tirado de uma fonte da Antiguidade”. Actualmente, *Soeiro* ocorre como nome próprio, apelido e topónimo (frequente nas regiões portuguesas e galego-asturianas); *Soares*, como apelido e topónimo.

São muitos os *Soares* dignos de memória. Citemos apenas três: António *Soares* dos Reis (1847-1 889), genial escultor de V. N. de Gaia; Luísa Ducla *Soares* (1939-), escritora; e Mário *Soares* (1924-), ex-Presidente da República Portuguesa (eleito em 1986).

<sup>34</sup> Ver Nascentes, p. 103.

<sup>35</sup> L. *Telef.* – Norte (*Minho, Douro Litoral*), 96/97, p. 77. Cf. ainda Machado II, pp. 595-596; Cortesão, pp. 120, 327-328 e 402; e Vasconcellos, *Antroponímia*, pp. 46 e 112.

<sup>36</sup> Cf. Machado III, pp. 1359-1360. Vasconcellos (*Antroponímia*, p. 40), por exemplo afirma que o primeiro elemento de *Suario* é obscuro mas que o segundo parece ser o gótico *harjis*, “exército”. Diez (citado por Nascentes, p. 285) derivou do “gót. svêrs, ant. al. mod. schwer, pesado”.

### 3. Conclusões<sup>37</sup>

– As descobertas Feitas por Ana Maria Martins vieram dar razão aos especialistas que, como Lindley Cintra e Ivo Castro, alertaram para a existência de documentos escritos em português não só pertencentes ao período entre 1214-1255 como anteriores a 1214.

– A “Notícia de fiadores”, de 1175, é considerada o texto datado mais antigo escrito em português. Todavia, os dois documentos também escritos em português (uma anotação de despesas de *Petro Paiz* e uma outra de *Pedro Parada*) e que com ela partilham o mesmo suporte (o pergaminho n° 10, do maço 2, de São Cristóvão de Rio Tinto) serão anteriores.

– A semelhança de certos elementos codicológico-diplomáticos, também a antroponímia poderá constituir um factor decisivo na datação dos documentos. Assim, a “Notícia de fiadores” (NF), como documento mais antigo que é em relação à “Noticia de Torto” (NT) (c. 1214), por exemplo, apresenta formas antroponímicas mais distantes das actuais: *Gûdisalvo* (NF) > *Gõcalvo* (NT); *Ihoane* (NF) > *Johane* (NT); *Suarici* (NF) > *Suariz* (NT)...

– Os 12 indivíduos referidos na NF são todos do sexo masculino, elemento sócio-linguístico importante para compreender o papel do homem e da mulher na sociedade medieval.

– Destes 12 indivíduos, 2 são identificados através da estrutura Nome de Baptismo (NB) + Alcunha; 9 pela estrutura NB + Patronímico e apenas 1 por uma Alcunha (*lecton*).

– Por outro lado, e de um modo geral, a antroponímia germânica, por exemplo, predomina na documentação anterior ao séc. XIII, ao passo que a latina se impõe na viragem do séc. XII para o XIII: das 17 formas da NF, 3 são de origem germânica e 2 de origem latina.

– Finalmente, depositário de um número muito significativo de formas antroponímicas surpreendentemente actuais (das 17 entradas registadas só uma, *Egeas*, parece ter caído em desuso), o documento aqui apresentado revelou-se um importante viveiro para o estudo da antroponímia portuguesa, em particular, e da História da Língua, em geral.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAUZAT, Albert (1988), *Les Noms de Famille de France – Traité d’Anthroponymie Française*, 3<sup>ème</sup> édition, revue et complétée par M. T. Morlet, Paris, Librairie Guénégaud.

<sup>37</sup> Ver Quadro Anexo: “Notícia de fiadores” (1175).

- CASTRO, Ivo (1991), *Curso de História da Língua Portuguesa*, Colaboração de Rita Marquilhas e J. León Acosta, Lisboa, Universidade Aberta.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1990), "Sobre o Mais Antigo Texto Não-Literário Português: *a Notícia de Torto* (Leitura Crítica, Data, Lugar de Redacção e Comentário Linguístico)", em *Boletim de Filologia*, Tomo XXXIII (1986-87), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp 21-77.
- CORTESÃO, António Augusto (1912), *Onomástico Medieval Português*, Separata do "Arqueólogo Português", vol. VIII e seguintes, Lisboa, IN-CM.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1979), *Os Mais Antigos Documentos Escritos Em Português. Revisão de Um Problema Histórico-Linguístico*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social.
- MACHADO, Elza e Machado, José Pedro (1949-64), *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*, Facsímile e transcrição, leitura, comentários e glossário por -, 8 vols., Lisboa, Edição da "Revista de Portugal".
- MACHADO, José Pedro (1977), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols. 3ª edição, Lisboa, Livros Horizonte.
- IDEM (1993), *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols., 2ª edição, Horizonte/Confluência.
- MARTINS, Ana Maria (2001), "Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis", em *Caminhos do Português*, Coord. de Maria Helena Mira Mateus, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- NASCENTES, Antenor (1952), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, tomo II (*Nomes Próprios*), Rio de Janeiro.
- NUNES, José Joaquim (1989), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, 9ª edição, Classica Editora.
- IDEM (1933-37), "Os Nomes de Baptismo – sua origem e significação", em *Revista Lusitana*, Arquivo de Estudos Filológicos e Etimológicos relativos a Portugal, dirigido por José L. de Vasconcellos, vols. XXXIII-XXXV, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- PIEL, Joseph-Maria (1947), "Nomes de «possessore» latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa" em *Biblos*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. XXIII, Coimbra.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1928), *Antroponímia Portuguesa – Tratado comparativo da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- IDEM (1931), *Opúsculos*, vol. III (*Onomatologia*), Coimbra, Imprensa da Universidade.

Antropónimo	Ocorrências	Nome de batismo	Parentesco		Sexo		Origem				Forma actual (portuguesa)	
			Patronímico	Alcunha	masculino	feminino	germânica	grega	hebraica	latina		obscuro
Anríquici	2			+	+			+				Henriques (apelí.+topon.)
Coláco	1			+							+	Coláco (a+t)
Egeas	2	+			+							
Garcia	2			+2								Garcia (nome baptí.+a+t)
Gúdsaluo	2	+			+							Gonçalo (n+a+t)
Ihoane	1	+			+					+		Joane (a+t) João (n+a+t)
Lecton	1			+							+	Leirão (a+t)
Menendici	1			+							+	Menendez/ Mendes (a+t)
Menendo	1	+			+						+	Menço (n+a+t)
Moníci	1			+							+	Moniz (a+t)
Pelágio	1				+						+	Pelágio (n+a)
Pelar	1				+						+	Peláio (n+a+t)
Pelaiz	1			+							+	Pais (a+t)
Petro	2				+						+	Tedro (n+a+t)
Romeu	1			+								Romeu (n+a+t)
Stephano	1	Stephano			+						+	Estevão (n+a+t)
Suarici	2	Suarici		+							+	Soures (a+t)